



Jornal da Cidade

Embu das Artes

Branco quase índio



Walde-Mar e o índio: tudo a ver

Walde-Mar começou a mostrar seu talento para a pintura aos 35 anos. Mal sabia ele, neto de índio, que seria reconhecido no mundo pelas obras de temática indígena.

Paulista de Timburi, ele chegou a São Paulo em 1953 e arrumou emprego de escriturário no Centro. Foi mal. Valdemar de Andrade e Silva, o Walde-Mar, aventurou-se então no futebol e no pugilismo - ele treinou com Valdemar Zumbano, tio de Eder Jofre. Depois, matriculou-se no Teatro Oficina, onde fez curso com Eugênio Kuznet. Seus colegas eram Hélio Souto, Rosamaria Murtinho e Regina Duarte. Nessa época, adotou o nome artístico "Walde-Mar", por ter outros dois atores no elenco chamados Valdemar.

Em 1968, resolveu seguir os passos do irmão mais novo, Neuton, que pintava naïf e vendia seus quadros na Praça da República, e começou a se dedicar à pintura. Vendo o interesse de Walde-Mar pela cultura indígena, Neuton o incentivou a fazer obras sobre o assunto. Os três quadros que levou à Praça impressionaram os visitantes. A primeira tela foi vendida para o colega que expunha ao lado. O segundo para uma revista de arte dos Estados Unidos. E o terceiro para uma colecionadora admirada com o estilo do pintor.

A paixão pela arte cresceu. Aos domingos, o artista enchia o seu fusca e partia rumo a Embu para expor os trabalhos e se encontrar com os escultores da época - Assis, mestre Gama, Sakai, Vicente de Paula e outros. Walde-Mar apaixonou-se pela cidade, que começava a ser conhecida como Embu das Artes.

Artista no mundo todo

Hoje, aos 75 anos, Walde-Mar tem mais de 1.500 obras, entre pintura em pedra, tela, cabaça, baú e remo indígena. Sua experiência contribuiu para a publicação de três livros: "Lendas e mitos dos índios brasileiros", "O Menino Botovi" e "Anituengo". O primeiro foi editado na Alemanha e no Japão. Na bagagem, estão exposições na Alemanha, França, Bélgica, Áustria, Portugal, Suíça e outros países. Em 1970, no consulado norte-americano, o artista recebeu um bilhete do sertanista Orlando Villas Bôas, que o convidou para conhecer os índios no Parque Indígena do Xingu. Meses depois, ele desembarcava nas aldeias e fazia contato com sua maior referência. Daí em diante, visitou mais de 20 tribos, tornando-se um pesquisador da cultura, marcada nos filhos Tarumã e Aritana.

Em 1996, foi lançado na Alemanha um jogo educativo, com 110 cartas relacionadas à cultura indígena sob o olhar de Walde-Mar, tendo seu conteúdo traduzido em treze idiomas. Três anos mais tarde, uma empresa de porcelanas lançou uma coleção de pratos decorativos com obras do artista, relacionadas às lendas indígenas. Walde-mar também foi convidado para fazer cartões de natal para a o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF.

O maior sonho do artista é ver seu projeto Aldeia Curumim funcionando. "Será um espaço para as crianças conhecerem a cultura do índio por meio da arte, do meio ambiente, da culinária e da medicina natural", afirma.

A nossa oca

Walde-Mar passa a maior parte do dia no Museu do Índio, na rua Nossa Senhora do Rosário, Centro. Há quatro anos, ele inaugurou o museu que conta com mais de 500 peças autênticas que ganhou de presente nas suas viagens. O acervo reúne utensílios para o preparo da comida, instrumentos musicais, armas de caça, enfeites usados em rituais, peças em cerâmica, cestaria e muitos outros. A cada final de semana, cerca de 100 turistas visitam o local para conhecer a coleção e assistir palestras de Walde-Mar. "Precisamos de apoio, senão o museu corre o risco de fechar por falta de verba para manutenção".